

14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 07 - Sociologia da Saúde, da Morte e das Sensibilidades.

Geração, morte e crise: a pandemia como evento geracional.

Gabriel Francisco Cabrera de Sá ¹

INTRODUÇÃO

A presença da COVID-19 fez com que pensássemos em uma forma de mudarmos a rota, o mundo em uma nova forma de viver o mundo, nos fazendo deparar com as vulnerabilidades físicas, sociais e políticas, destacando a fragilidade da vida e da rotina pré-moldada e estabelecida no mundo moderno. Unir as discussões sobre COVID-19, gerações, crises, a partir das proposições de Karl Mannheim (1952), aciona uma dose potente de complexidade e sensibilidade, pois implica articular processos biográficos, experiências coletivas e rupturas estruturais em um mesmo campo analítico. Nesse sentido, a reflexão de Edgar Morin (2021) contribui para reforçar o caráter formador das grandes crises, ao analisar os efeitos da pandemia, o autor afirma: “esses acontecimentos perturbadores me transformaram e formaram” (Morin, 2021, p. 12), sintetizando a dimensão subjetiva e coletiva do evento, evidenciando que a COVID-19 não apenas interrompeu rotinas, mas atuou como uma força de reconfiguração identitária e geracional, cujos efeitos se estendem para além do período pandêmico e seguem moldando as experiências sociais no mundo pós-pandemia.

O envelhecer é parte do ciclo biológico de qualquer ser vivo, mas como se configura o envelhecimento em um contexto de crise pandêmica? Considerando que a concepção de velhice como categoria social é construída historicamente em relações desiguais, nas quais a exclusão e o estigma produzem um apagamento da identidade e dos direitos das pessoas idosas,

¹ Doutorando em ciências sociais (UEM), professor, CAPES e e-mail pg56066@uem.br. A presente pesquisa está sendo realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

evidencia-se a dimensão política dessa condição social (Silva; Pereira, 2020). Olhar esses indivíduos a partir de uma perspectiva geracional ocupa um papel estratégico, sobretudo diante de transformações sociais aceleradas que atravessam diferentes grupos etários. Karl Mannheim (1952) afirma que a compreensão das gerações não se limita à idade biológica, mas envolve um conjunto de experiências sociais compartilhadas. Nesse sentido, compreender conflitos, percepções e valores entre grupos geracionais exige metodologias capazes de captar significados subjetivos e dinâmicas de socialização. Ainda assim, o autor conclui que os métodos necessitavam ser ampliados para a discussão das gerações, tornando-se fundamental expandir pesquisas comparativas que considerem tanto as diferentes gerações que coexistem em um mesmo período histórico quanto aquelas formadas em contextos históricos distintos (1952), com o objetivo de aprofundar a compreensão das polarizações observadas e dos fatores políticos, sociais e econômicos que participam da construção dessas diferenças (Sposito, 2009; Weller, 2009).

Quando nos atentamos aos dados da COVID-19 no Brasil, deparamo-nos com um cenário problemático e repleto de vulnerabilidades que, em números, revelam sua magnitude devastadora. Desde 2020, o Brasil acumulou aproximadamente 711.380² mortes por COVID-19, segundo dados consolidados (Organização Mundial da Saúde, 2026), posicionando o país como um dos mais afetados pela pandemia. Globalmente, a OMS reporta mais de 7 milhões de mortes confirmadas em decorrência da COVID-19 desde o início da pandemia até 2026, embora estudos apontem para uma subnotificação significativa desses números. A população idosa foi desproporcionalmente atingida: de acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), 76% das mortes relacionadas à COVID-19, no Brasil, entre fevereiro e setembro de 2020, ocorreram entre adultos com 60 anos ou mais. Estudos epidemiológicos brasileiros reforçam essa realidade, indicando que pessoas idosas representaram cerca de 73% dos óbitos por COVID-19 no país (Fiocruz, 2020), evidenciando a extrema vulnerabilidade desse grupo etário. Entre pessoas com 80 anos ou mais, a letalidade foi ainda mais elevada, com 14,8% dos infectados evoluindo a óbito, em comparação a 8,0% entre aqueles de 70 a 79 anos (Barbosa et al., 2021), esses dados explicitam não apenas a gravidade sanitária da pandemia, mas também a vulnerabilidade estrutural das pessoas idosas no Brasil, expondo fragilidades nos sistemas de

² Atualizado até a data de 31 de março de 2026.

saúde, políticas públicas insuficientes e a invisibilidade social desse grupo geracional em contextos de crise aguda.

Partindo dessas constatações, quais impactos geracionais podem ser identificados? A pandemia modificou a rota das trajetórias sociais? Houve a formação de uma nova consciência geracional ou a “reestratificação” de uma consciência em pessoas acima de cinquenta anos que vivenciaram o período pandêmico e o pós-pandêmico? Falar sobre consciência geracional permite a interligação entre o tempo biográfico e o tempo geracional, conectando à dimensão da reflexividade na análise da dinâmica geracional e dos processos de mudança social (Motta, 2010; Feixa; Leccardi, 2010). Adquirir essa consciência garante o repasse do compreendido às próximas gerações, ou seja, quando essa consciência está presente, as relações intergeracionais tornam-se domínio da elaboração subjetiva (Feixa; Leccardi, 2010). Embora as gerações, por si mesmas, ajudem a estruturar o tempo social, personificando coletivamente o passado, o presente e o futuro é a consciência geracional que possibilita que esse vínculo seja elaborado de forma subjetiva e histórica (Feixa; Leccardi, 2010). Em outro turno, ao se considerar a possibilidade de uma ‘reestratificação’ de uma consciência já formada, é possível sustentar que a COVID-19 não foi responsável pela formação de uma nova consciência geracional, mas pode ser compreendida como um evento histórico capaz de produzir modificações, sem que, necessariamente, as relações intergeracionais se constituam como domínio de elaboração subjetiva; isto é, um processo que pode ter alterado experiências individuais sem, contudo, ultrapassar, de modo predominante, essa ‘bolha individual’.

Apesar das discussões, a pandemia da COVID-19, como evento social total, intensificou esse processo ao impor uma ruptura brusca no curso ordinário da vida, reordenando trajetórias, expectativas e projetos individuais e coletivos e buscar responder a essas questões é uma tarefa complexa. Becker (2022) argumenta que evidências qualitativas possuem potência analítica justamente por revelarem processos, sentidos e conflitos que dificilmente seriam captados por métodos padronizados; segundo o autor, “boas evidências são aquelas que nos ajudam a responder a perguntas sociologicamente relevantes, ainda que não sejam perfeitamente ordenadas ou completas” (Becker, 2022, p. 32). No campo dos estudos geracionais, as gerações não se expressam apenas por indicadores demográficos, mas por formas específicas de narrar o mundo, interpretar acontecimentos históricos e atribuir sentidos às mudanças sociais.

Em relação a idade dos pesquisados, a presente pesquisa adota como critério de inclusão pessoas que, em 2020, tinham idade igual ou superior a cinquenta anos, essa decisão baseia-se em aspectos demográficos, sociais, de saúde e metodológicos, pois a América Latina e o Caribe apresentam o envelhecimento populacional mais acelerado do século XXI, impactando políticas públicas, trabalho e redes de cuidado (Alves, 2025), nesse contexto, indivíduos próximos ao marco da velhice já enfrentam transformações estruturais em suas condições de vida, ao incluir pessoas com cinquenta anos ou mais no início da pandemia, a pesquisa busca analisar um grupo que, embora não seja legalmente definido como uma pessoa idosa, já vivencia processos de envelhecimento e compartilha experiências formativas comuns, como a COVID-19

Em busca dessas respostas, a pesquisa foi realizada por meio de questionário semiestruturado, reunindo relatos de experiências e percepções acerca das gerações, da pandemia da COVID-19 e do acesso à tecnologia, tendo como referência o debate teórico instituído por Karl Mannheim sobre o problema sociológico das gerações, articulado a estudos contemporâneos sobre envelhecimento, pandemia, exclusão digital, conflitos intergeracionais e invisibilidade social. Os dados foram coletados após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, conforme parecer consubstanciado sob o CAAE nº 92274925.9.0000.0104. A pesquisa adotou uma abordagem quanti-qualitativa de caráter exploratório, uma vez que busca explorar, identificar e compreender conceitos, fenômenos ou relações ainda pouco investigados. Busca-se, assim, compreender como os participantes perceberam a finitude e o risco, bem como analisar os sentimentos associados à exposição cotidiana à morte e às experiências relacionadas à formação dessa consciência geracional ou à sua resignificação.

DESENVOLVIMENTO

1. O problema sociológico das gerações: Karl Mannheim e aplicações contemporâneas.

Trazer as discussões de Karl Mannheim sobre gerações para a atualidade é um desafio profundo, embora o senso comum tenda a reduzir a noção de geração a um critério estritamente etário, limitando-se a opor o novo ao velho, ou até mesmo definir gerações pelo critério ser Baby boomers, geração X, millennials, geração Z... Mannheim adverte que o pertencimento

geracional transcende a dimensão biológica, para o autor, compreender o fenômeno geracional constitui uma tarefa eminentemente sociológica, ainda que não exclua contribuições de outras áreas do conhecimento (Mannheim, 1952, p. 68). Assim, não se configura, por si só, uma geração enquanto realidade social, sendo necessária a participação dos sujeitos em processos históricos compartilhados que possibilitem certa convergência nas formas de interpretar o mundo. Mannheim (1952):

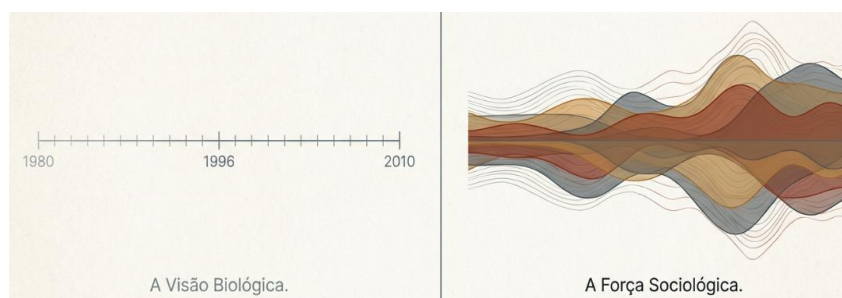
A geração não é um grupo concreto no sentido de uma comunidade, isto é, um grupo que não pode existir sem os seus membros terem um conhecimento concreto uns dos outros, e que cessa de existir como uma unidade mental e espiritual assim que é abolida a proximidade física. (p. 69)

Ele critica, por exemplo, a postura de autores como Comte, que associava a lentidão do progresso humano puramente a limitações orgânicas, demonstrando que uma geração não pode ser deduzida de forma mecânica de estruturas biológicas (Weller, 2010, p. 207). Em seu ensaio, Mannheim desenvolve uma abordagem conceitual que, até os dias atuais, é considerada por diversos teóricos como a mais completa tentativa de explicação do tema (Domingues, 2002; Weller, 2010).

Nessa formulação teórica, ele traz a definição de um grupo concreto, em que representa a união de indivíduos conectados por laços sociais naturais, como a família, ou por associações organizadas de forma consciente, como sindicatos e clubes. Contudo, uma geração não constitui, por si só, um grupo concreto, uma vez que carece de organização formal, liderança explícita ou interação constante entre todos os seus membros (Mannheim, 1952, p. 69). A título de exemplo, um grupo específico de idosos de um centro de convivência que migrou para encontros virtuais via WhatsApp constitui um grupo concreto, pois há interação direta e vínculos sociais reconhecíveis. Em contrapartida, a categoria generalista que engloba todos os idosos brasileiros não forma um grupo concreto, devido à ausência de organização comum e convívio direto. Avançando na teoria, a noção de posição geracional em Karl Mannheim diz respeito ao lugar objetivo que os indivíduos ocupam no processo histórico-social em função do momento em que nasceram. Trata-se, portanto, de uma condição estrutural, semelhante à ideia de situação de classe, na medida em que ambas delimitam horizontes de experiência, isto é,

condicionam os tipos de vivências, oportunidades e acontecimentos aos quais os sujeitos estão mais propensos a ter acesso.

FIGURA 01: Visão biológica e a força sociológica.



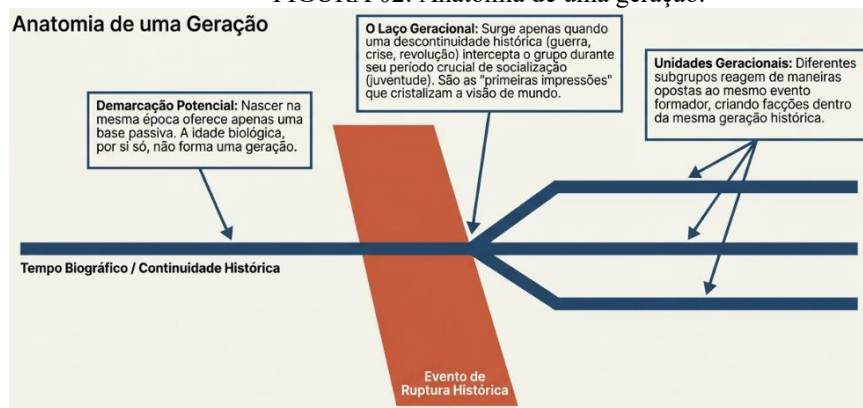
Fonte: Autor, 2026.

A ideia da biologia, da cronologia ou da definição de uma geração por critérios etários se preocupa em fazer cortes de idade e separa-las por grupos etários, já com a força sociológica, através da estratificação da experiência e de um destino histórico compartilhado o ano de nascimento é apenas um gatilho, e a estrutura social o motor.

Os idosos que viveram a pandemia da COVID-19 ocupam uma mesma posição geracional, o fato de terem nascido em períodos próximos os situa historicamente como um estrato de vulnerabilidade ao vírus. Isso não significa que todos tenham vivenciado a pandemia da mesma forma, mas que partilham o mesmo leque de possibilidades históricas, como a exposição ao isolamento social, o medo da morte e as barreiras da digitalização. Como desdobramento da posição, emerge a conexão geracional, que surge quando os indivíduos que compartilham a mesma posição passam a participar ativamente de um destino comum. Conforme elucidado Weller (2010, p. 214), não basta participar apenas potencialmente de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns, sendo preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual. No cenário estudado, a posição transforma-se em conexão geracional quando esses idosos passam a partilhar respostas práticas à pandemia, tais como o uso de tecnologias para manter o convívio familiar ou acessar serviços de saúde. Aprofundando essa estratificação, a unidade de geração representa o nível de coesão social mais específico dentro de uma conexão, Mannheim observa que, face a um mesmo evento histórico, os atores não reagem de forma homogênea. As unidades de geração são subgrupos que elaboram essas experiências de maneiras distintas,

desenvolvendo perspectivas e reações diferentes em relação a um mesmo problema (Weller, 2010, p. 215), caracterizando-se pelas intenções primárias documentadas nas ações dos grupos.

FIGURA 02: Anatomia de uma geração.



Fonte: Autor, 2026.

A partir da vivência de novos e drásticos cenários históricos, torna-se imprescindível a incorporação do conceito de consciência geracional, que ganhou relevância expressiva nos desenvolvimentos teóricos posteriores à obra de Mannheim. A consciência geracional assume grande importância sociológica porque permite que o tempo biográfico e o tempo social sejam interligados, introduzindo a dimensão da reflexividade na análise dos processos de mudança social (Feixa; Leccardi, 2010). Segundo os autores, este conceito possui dois componentes fundamentais: a historicidade e o vínculo estreito com a dimensão da experiência. O primeiro diz respeito à habilidade do sujeito de situar-se num quadro histórico amplo, reconhecendo um passado e vislumbrando um futuro, o segundo destaca a capacidade de promover um contato profundo com o tempo presente, possibilitando o processamento reflexivo da experiência vivida. Quando esta consciência se faz presente, as relações intergeracionais tornam-se domínio da elaboração subjetiva e favorecem o reconhecimento do indivíduo como uma pessoa singular e historicamente situada.

Em seguida, a conexão geracional configura-se como a ativação desse potencial por meio da vivência histórica e da inserção num destino comum. Dentro dessa conexão formam-se as unidades de geração, que abarcam a diversidade de interpretações e respostas elaboradas face a essa experiência. Cada unidade é movida por uma entelúquia geracional, ou seja, pelas intenções vitais e formativas do grupo, a consolidação desse processo demanda a consciência geracional, que é a capacidade de elaboração reflexiva dessas experiências. Por fim, todo esse

arcabouço materializa-se nos espaços de experiências conjuntivas, que constituem os contextos práticos de sociabilidade onde o conhecimento geracional é efetivamente moldado, esta estrutura integrada permite compreender as gerações como fenômenos socialmente construídos, nos quais o tempo biográfico e o tempo histórico se entrelaçam, forjando identidades coletivas baseadas em experiências ativamente processadas pelos atores sociais.

1.1 Ser uma pessoa idosa no Brasil em tempos de crise: Vulnerabilidades estruturais e sociais.

Como é estar na velhice? Essa pergunta atravessa todo ser humano, pois a expectativa da vida humana em sua vivência tem a velhice como parte da vivência humana, ocasionando mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo. Antes de adentrarmos na temática ser uma pessoa idosa em um contexto de crise, devemos definir quem é a esse indivíduo, o que faz ser uma pessoa idosa. Inicialmente, temos a definição dada pela Organização Mundial da Saúde, sendo aquele indivíduo com mais de 60 anos, no Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741/2003) confirma que a pessoa idosa é aquela com idade igual ou superior a 60 anos. O envelhecer é parte do ciclo biológico de qualquer ser vivo, porém, nos deparamos que a concepção de velhice como uma categoria social construída historicamente, muitas vezes é marcada por processos de exclusão e estigmatização que atravessam a experiência das pessoas idosas, conforme Silva e Pereira (2020, p. 15), “a velhice é socialmente construída em contextos de relações desiguais, onde a exclusão e o estigma produzem um apagamento da identidade e dos direitos das pessoas idosas, evidenciando a dimensão política dessa condição social”. Assim, além da categorização etária, está acompanhada de uma estigmatização social do que é ser uma pessoa idosa.

A relevância da temática tem grandes proporções ao nível internacional, ao passo que a própria OMS já desponta várias preocupações e proposição de políticas para saúde e cuidados com a pessoa idosa, dados divulgados pela mesma (2025) indicam uma transformação demográfica global sem precedentes, marcada pelo rápido envelhecimento populacional em diferentes regiões do mundo, todos os países enfrentam desafios para adaptar seus sistemas de saúde e proteção social a essa nova realidade, especialmente considerando que, até 2050, cerca de 80% da população idosa estará concentrada em países de baixa e média renda. O ritmo desse envelhecimento é significativamente mais acelerado do que em períodos históricos anteriores,

evidenciado, por exemplo, pelo fato de que, já em 2020, o número de pessoas com 60 anos ou mais superou o de crianças com menos de 5 anos, além disso, projeta-se que, entre 2015 e 2050, a proporção de indivíduos com mais de 60 anos passará de 12% para 22% da população mundial. O envelhecimento populacional também é uma consequência da transição demográfica, a sociedade está em uma situação na qual a mortalidade e a fecundidade são elevadas e praticamente se anulam, portanto o crescimento populacional oscilando ao redor de zero (Mrejen *et all*, 2023).

Conforme analisa Simone de Beauvoir, em *A velhice* (1970), a pessoa idosa é frequentemente deslocada para uma posição de marginalidade social, sendo tratada como um “outro” cuja existência passa a representar um incômodo simbólico, marcado por exclusão e distanciamento, na mesma perspectiva, a autora evidencia que, em sociedades orientadas pela lógica produtivista, os indivíduos envelhecidos tendem a ser afastados do mercado de trabalho e da centralidade das relações sociais, o que reforça processos de invisibilização. Orientados por estas problemáticas, seguimos dando uma complexidade além da já prevista em discussões sobre velhice, acrescentando o ser uma pessoa idosa no Brasil em contextos de crise, em especial, sobre a COVID-19, para isso, foi desenvolvida um questionário semiestruturado, reunindo relatos de experiências e percepções acerca das gerações, da pandemia da COVID-19 e do acesso à tecnologia.

A pesquisa foi estruturada em quatro blocos temáticos, organizados de forma a possibilitar uma análise abrangente e articulada das dimensões sociais, subjetivas e geracionais dos participantes, o primeiro bloco, de qualificação social, reúne informações relativas ao perfil dos respondentes, contemplando aspectos como dados pessoais, inserção no trabalho e trajetória educacional, permitindo a contextualização socioeconômica dos sujeitos. O segundo bloco dedica-se às percepções sobre a COVID-19, buscando compreender os impactos da pandemia na vida pessoal e profissional, bem como nas formas de interpretar a realidade social. O terceiro bloco aborda as perspectivas geracionais, com o objetivo de identificar como os indivíduos percebem sua própria geração e as dinâmicas de interação entre diferentes grupos etários. Por fim, o quarto bloco investiga os processos de digitalização intensificados pela pandemia, analisando as mudanças no uso de tecnologias digitais e seus efeitos nas rotinas e formas de sociabilidade.

2. Perfil dos participantes: quem são as vozes desta geração.

Cumpramos ressaltar que os dados apresentados são parciais e estão em andamento³, possuindo um caráter preliminar, sendo fundamentais para a primeira aproximação e compreensão das dinâmicas do campo empírico. Compreendendo, a partir das formulações de Karl Mannheim, que as gerações não se encerram na mera dimensão da idade biológica, mas exigem a apreensão das experiências sociais compartilhadas, observa-se que os 29 participantes válidos desta etapa se situaram em uma faixa de 53 a 85 anos ao responderem sobre a sua idade, o que consolida uma média de 61,5 anos. Embora esse coletivo compartilhe o mesmo tempo histórico atravessado pela pandemia da COVID-19, suas vivências da crise operam a partir de lugares sociais muito bem delimitados. A amostra revela-se expressivamente feminina e racialmente homogênea, com vinte e três participantes identificando-se com o gênero feminino frente a seis com o masculino, e vinte e sete autodeclarando-se brancos em contraposição a apenas dois pardos. Do ponto de vista geográfico, ao indicarem em qual Estado moram, nota-se uma forte concentração nas regiões Sul e Sudeste, com dezenove residentes no Paraná, nove em São Paulo e um no Rio Grande do Sul.

Ao serem indagados sobre o grau de escolaridade, constatou-se que treze sujeitos possuem Ensino Superior concluído, esse número ganha contornos ainda mais analíticos ao se observar o expressivo número de detentores de títulos de pós-graduação, englobando quatro especialistas, um mestre, dois doutores e dois pós-doutores. Ao informar qual é a sua renda familiar mensal aproximada, a maior concentração de respostas recaiu na faixa de três a cinco salários mínimos, correspondendo a sete pessoas. Adicionalmente, identificou-se um outro grupo proeminente com rendimentos superiores a dez salários mínimos, composto por seis pessoas, enquanto os demais participantes se distribuíram em estratos intermediários de renda.

Ao detalharem com quem residem atualmente, treze entrevistados relataram morar apenas com o cônjuge ou companheiro, enquanto outros oito convivem com filhos e cônjuge, em contraste com apenas quatro indivíduos que declararam viver sozinhos.

2.1 O mundo antes e depois: percepções sobre morte, doença e finitude.

A pandemia da COVID-19 impôs uma interrupção drástica no fluxo ordinário da vida. Para os entrevistados, essa ruptura não se restringiu à adoção de novos protocolos sanitários ou

³ Dados coletados e analisados até o dia 27 de janeiro de 2026.

à digitalização forçada do cotidiano; ela instaurou um confronto direto, visceral e inescapável com a finitude. Partindo da perspectiva de Karl Mannheim sobre o problema das gerações Weller (2009), ressalta a centralidade da "experiência conjuntiva" para a constituição de uma unidade geracional, compreende-se que a pandemia atuou como um evento histórico catalisador. A análise das narrativas dos sujeitos investigados revela que a crise sanitária reconfigurou profundamente as formas de interpretar o adoecimento, o luto e o próprio valor da vida, evidenciando tensões que são indissociáveis das condições sociais e materiais em que cada indivíduo se encontra.

A proximidade da morte deixou de ser uma abstração atrelada ao envelhecimento natural para se tornar uma ameaça diária e iminente, essa transição do "risco provável" para o "pânico real" é fortemente mediado pelo lugar que o sujeito ocupa na estrutura produtiva. O relato do Pesquisado 01 (59 anos, com ensino superior e renda intermediária de 3 a 5 salários mínimos), que atuou na linha de frente hospitalar, ilustra a crueza desse cenário: *"Trabalho em hospital, vi muitas mortes todos os dias, poucos leitos de UTI, muita gente morrendo, trabalhávamos como escravos e não dávamos conta de tanto serviço, foi muito sofrido para todos."* A exaustão física e emocional relatada demonstra como a inserção profissional ditou o nível de exposição ao trauma coletivo, para esse participante, o "antes" era a normalidade do trabalho; o "durante" converteu-se em uma imersão na finitude alheia, um sofrimento crônico que borra as fronteiras entre o adoecimento físico e o colapso estrutural do sistema de saúde.

O impacto da letalidade da doença produziu desdobramentos significativos na saúde mental dos participantes, exigindo intervenções medicamentosas diante do luto, o Pesquisado 02 (56 anos, com nível de pós-graduação incompleto), ao narrar sua experiência, evidencia como o isolamento físico se desdobrou em isolamento psíquico, agravado por um contexto macropolítico percebido como hostil à vida: *"Foi um período difícil, sofrido! Estava trabalhando em casa, totalmente isolada e tive que tomar medicação psiquiátrica para aguentar as perdas familiares e de amigos [...]. Na TV só passava covas abertas, parecia que estavam esperando a gente morrer!"* A fala expõe uma tensão entre o privilégio de classe (a possibilidade do teletrabalho seguro) e a vulnerabilidade emocional irrestrita, o medo da morte não era apenas biológico, mas alimentado por uma percepção de abandono institucional, em que o Estado é visto como um agente que naturaliza a barbárie.

O Pesquisado 03 (58 anos, com ensino médio concluído e renda de até 1 salário mínimo) sintetiza o choque provocado pela infecção: *"Perdi minha melhor amiga para a Covid e tive também, entrei em pânico."* É crucial notar que sujeitos com menor capital econômico e educacional, como este participante, frequentemente enfrentaram a doença com redes de segurança mais frágeis, o que potencializa o sentimento de "pânico" frente ao adoecimento. De forma semelhante, o Pesquisado 06 (61 anos, renda de 1 a 2 salários mínimos) ressalta que a vivência mais latente do período foi *"a perda de um ente muito amado que não esqueço até hoje"*, evidenciando a permanência do luto como um traço contínuo no pós-pandemia.

Além da dor, a pandemia instaurou uma ruptura cognitiva sobre a própria ordem temporal da vida, o Pesquisado 04 (60 anos, com ensino superior) levanta um questionamento existencial profundo ao observar a letalidade do vírus invertendo a lógica do envelhecimento: *"Perdi amigos e parentes com idades menores que a minha e isso deixa uma incógnita em você, porque são coisas inexplicáveis [...]".* Foram muitos com problemas de saúde, e os saudáveis que foram e não tem explicação." A morte de indivíduos mais jovens e saudáveis desestabilizou a crença na correlação direta entre juventude e vitalidade, inserindo a finitude como uma "incógnita" arbitrária que atinge indiscriminadamente os corpos, corroendo as garantias ilusórias da medicina, própria biologia até mesmo a construção de estigma da velhice como sinônimo de doença.

Contudo, a imersão nesse cenário de adoecimento e perdas gerou também movimentos de ressignificação e aprofundamento da consciência geracional, emergiu entre os participantes uma reavaliação dos laços sociais e do tempo biográfico remanescente. O Pesquisado 05 (57 anos, ensino superior e renda elevada) resume essa transição ao apontar que a principal marca da pandemia foi *"A valorização da vida e das pessoas com quem você convive."* O evento traumático operou como uma lente de aumento sobre as relações de afeto, transferindo o foco do tempo produtivo (o mundo do trabalho) para o tempo qualitativo (o mundo do convívio familiar e das redes de intimidade).

Assim, pode-se previamente concluir que o "depois" da pandemia para esses sujeitos não representa um retorno à percepção de mundo anterior a 2020, em consonância com a teoria de Mannheim, e amparado pela perspectiva de Carles Feixa e Carmen Leccardi (2010) sobre a indissociabilidade entre o tempo biográfico e o tempo geracional, a vivência coletiva do medo, das perdas e do risco iminente atuou como um elemento subjetivo de reflexividade. A finitude

deixou de ser um horizonte distante e tornou-se um dado palpável do presente, ao presenciarem o colapso dos sistemas de saúde e a arbitrariedade da morte elementos filtrados pelas suas próprias vulnerabilidades e privilégios de classe, os participantes reordenaram suas prioridades existenciais, carregando o luto não apenas como uma marca de dor, mas como um lembrete imperativo do valor dos vínculos intergeracionais e da fragilidade da condição humana.

2.2 Consciência geracional pós-pandemia: formação ou reestratificação?

A imposição abrupta de uma crise sanitária global, como a pandemia da COVID-19, convoca os sujeitos a um esforço interpretativo não apenas sobre o evento em si, mas sobre o próprio curso de suas existências, sob o referencial de Karl Mannheim (1952), cabe questionar se essa vivência-limite operou como um marco formador de uma nova consciência geracional ou se, dadas as trajetórias biográficas já consolidadas da população com 50 anos ou mais, promoveu uma reestratificação de uma consciência pré-existente. A análise preliminar das narrativas sugere que o evento converteu a posição geracional e o pertencimento a uma mesma faixa etária vulnerável em uma efetiva conexão geracional, marcada por um destino coletivo de isolamento, luto e adaptação. Contudo, as respostas iniciais indicam que não se trata, necessariamente, da formulação de uma identidade geracional a partir do zero, mas da hipótese de uma reconfiguração profunda da consciência já existente. Nesse sentido, a noção de ‘reestratificação’ é mobilizada para designar um rearranjo interno dessa consciência, especialmente no que se refere às formas de atribuição de sentido às experiências vividas e aos valores que passam a orientá-las. Essa interpretação busca dialogar com a formulação de Karl Mannheim, ao indicar que a mera partilha de uma posição no processo histórico não é suficiente para a constituição de uma unidade geracional, exigindo, para tanto, a elaboração comum das experiências. Assim, mais do que a emergência de uma nova consciência geracional, o que se observa é a reorganização de disposições previamente constituídas diante de um evento histórico significativo, processo que pode permanecer, em grande medida, circunscrito ao plano das experiências individuais.

A esmagadora maioria dos respondentes (21 indicaram que "sim" e 6 que "parcialmente") afirmou que a pandemia mudou a forma como enxergam a vida, as pessoas ou a sociedade, esse dado quantitativo ganha espessura sociológica ao se observar a reflexividade presente nos relatos. A reflexividade, entendida como a capacidade de conectar o tempo

biográfico ao tempo social histórico, transparece na narrativa do Pesquisado 27 (57 anos, com nível superior e renda elevada), que sintetiza o impacto do período como a imposição para *"a valorização da vida e das pessoas com quem você convive"*. Essa elaboração subjetiva demonstra uma forte tendência de que a pandemia deslocou o foco das antigas certezas para o fortalecimento das redes de intimidade, um movimento típico de reestratificação, em que valores preexistentes são ressignificados diante do risco iminente de morte.

Essa consciência, no entanto, parece não se articular de maneira singular, ela se fragmenta em diferentes unidades de geração, possivelmente influenciadas pelas condições estruturais e materiais dos sujeitos, para alguns respondentes, a elaboração da experiência pandêmica deu-se pela lente do colapso do mundo do trabalho e do trauma direto. É o caso do Pesquisado 18 (59 anos, renda intermediária), que atuou na linha de frente: *"Trabalho em hospital, vi muitas mortes todos os dias, poucos leitos de UTI muita gente morrendo, trabalhávamos como escravos e não dávamos conta de tanto serviço, foi muito sofrido para todos"*. Neste relato, nota-se que a consciência do período é atravessada pela exaustão física e pela precariedade estrutural, evidenciando como a classe e a inserção ocupacional podem ditar os limites da elaboração do trauma. Da mesma forma, a reflexividade sobre o evento assume um contorno de forte denúncia política em alguns discursos, conectando o sofrimento íntimo ao abandono estatal, o Pesquisado 22 (56 anos, com pós-graduação incompleta), relata: *"Foi um período difícil, sofrido! Estava trabalhando em casa, totalmente isolada e tive que tomar medicação psiquiátrica para aguentar as perdas [...]. Na TV só passava covas abertas, parecia que estavam esperando a gente morrer! [...] Faltou uma ação do Estado em todas as áreas, saúde, educação [...], assistência social, emprego, enfim, total descaso!"*.

Outro ponto que emerge como hipótese central nessa reestratificação é a desestabilização da ordem temporal biológica, a velhice carrega o estigma da proximidade com a morte, contudo, a letalidade indiscriminada do vírus subverteu essa lógica. O Pesquisado 31 (60 anos) elabora essa inversão de forma pungente: *"Perdi amigos e parentes com idades menores que a minha e isso deixa uma incógnita em você, porque são coisas inexplicáveis [...]. E isso é preocupante porque foram muitos com problemas de saúde e isso pode sim acontecer, e os saudáveis que foram e não tem explicação"*. Essa "incógnita" sugere que a nova sensibilidade geracional incorpora a imprevisibilidade da finitude, desvinculando-a da velhice estrita. Apesar dessa ruptura, ao serem questionados sobre como percebem a juventude atual e

o próprio envelhecimento, os participantes demonstram ancorar-se em marcadores tradicionais, por exemplo, a maioria reafirma atitudes distintas dos mais jovens, fundamentadas em ser "*mais pacientes*" e valorizar "*o esforço a longo prazo*", além de encarar o próprio envelhecimento com "*sabedoria*" e "*tranquilidade*".

Diante do exposto, os dados desta etapa exploratória permitem levantar a hipótese de que a pandemia não inaugurou uma consciência geracional a partir do vazio para a população com 50 anos ou mais. Observa-se, ao contrário, a tendência a um processo complexo de "reestratificação" da consciência, no qual o trauma coletivo atua como catalisador de rearranjos internos nas formas de interpretação da experiência e nos valores mobilizados. Essas constatações iniciais indicam que os participantes acionaram seus estoques de experiências passadas para conferir sentido a um presente marcado pela instabilidade, delineando não propriamente uma nova geração, mas uma configuração geracional caracterizada por maior reflexividade acerca da fragilidade da vida e da centralidade das políticas de cuidado. Por se tratar de uma pesquisa em andamento, tais apontamentos configuram-se como caminhos investigativos promissores, que demandam contínuo aprofundamento empírico e teórico nas próximas fases do estudo.

CONCLUSÃO

A presente investigação teve como propósito analisar as repercussões da pandemia da COVID-19 sobre a população com 50 anos ou mais, perspectivando este evento como um marco histórico capaz de reconfigurar sensibilidades, percepções de finitude e dinâmicas de inclusão digital. Apoiando-se no referencial teórico de Karl Mannheim (1952), procurou-se compreender de que modo a partilha deste trauma coletivo mobilizou a referida faixa etária, não apenas enquanto categoria demográfica, mas enquanto um potencial "unidade geracional" dotada de reflexividade e consciência partilhada.

Os dados preliminares, recolhidos nesta fase exploratória, revelam que a vivência da crise sanitária foi profundamente mediada pelas condições estruturais e materiais dos sujeitos, a amostra analisada demonstra que os privilégios de classe funcionaram como um amortecedor crucial contra as vulnerabilidades extremas e a desproteção que atingiram grande parte da população idosa brasileira. Contudo, constata-se que essa proteção material não blindou os participantes contra o impacto psicológico e existencial da pandemia, o confronto diário com a

letalidade do vírus, o luto pelas perdas de pares e familiares, e a subversão da ordem "natural" do envelhecimento (ao testemunharem a morte de indivíduos mais jovens) instauraram uma fratura na segurança ontológica destes sujeitos, forçando uma reavaliação profunda do valor da vida e das redes de sociabilidade íntima.

Do ponto de vista da sociologia das gerações, os indícios apontam para a premissa de que a pandemia da COVID-19 não inaugurou uma consciência geracional a partir do vazio. Em vez da formação de uma identidade inteiramente nova, os dados sustentam a hipótese de uma complexa reestratificação da consciência pré-existente. Diante da ameaça iminente e do colapso das instituições de saúde, estes sujeitos mobilizaram o seu acervo de experiências passadas e os seus valores tradicionais para descodificar o caos do presente. A experiência pandémica atuou, assim, como um catalisador que reordenou as suas prioridades, agudizando a reflexividade sobre a fragilidade da condição humana e reafirmando a importância do suporte intergeracional.

Por se tratar da fase inicial de uma pesquisa de doutorado de natureza exploratória, reconhece-se que as tendências aqui delineadas refletem as especificidades de um grupo socioeconómico privilegiado, conforme os respondentes atuais, mas essas constatações não esgotam a complexidade do fenómeno, mas abrem caminhos investigativos férteis, as futuras etapas do estudo deverão ampliar o escopo empírico, permitindo o contraste com outras narrativas. Em suma, a pandemia reescreveu as coordenadas do envelhecer no século XXI, para a geração que a atravessou na maturidade, o evento não representou apenas uma interrupção biográfica, mas um imperativo de adaptação que, mediado pelas telas e pela dor, cimentou uma consciência geracional profundamente crítica face à finitude da vida e às políticas de cuidado coletivo.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. *A América Latina e Caribe: continente com o maior envelhecimento populacional no século XXI*. ECOdebate, 7 jul. 2025. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2025/07/07/a-america-latina-e-caribe-continente-com-o-maior-envelhecimento-populacional-no-seculo-xxi/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

ALVES, José Eustáquio Diniz. *Decrescimento populacional com prosperidade social em Portugal*. ECOdebate, 10 jul. 2024. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2024/07/10/decrescimento-populacional-com-prosperidade-social-em-portugal/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BARBOSA, I. R.; GALVÃO, M. H. R.; SOUZA, T. A. de; GOMES, S. M.; MEDEIROS, A. de A.; LIMA, K. C. de. **Incidence of and mortality from COVID-19 in the older Brazilian population and its relationship with contextual indicators: an ecological study.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, e200171, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200171>. Acesso em: 16 fev. 2026.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.

BECKER, Howard S. *Evidências da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BRASIL, 2020-21: consequências do manejo inadequado da pandemia. **Arch Saúde Pública** 80 , 255 (2022). <https://doi.org/10.1186/s13690-022-01012-z>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 29 mar. 2026.

CLUVER, Lucie, *et all*. THE LANCET, 2022. **Global minimum estimates of children affected by COVID-19-associated orphanhood and deaths of caregivers: a modelling study.** Acesso em: 29 mar. 2026.

CUNHA, Sandra Mara da. Geração, um conceito situado. *Runa*, vol. 42, n. 2, p. 193–210, 2021. DOI: 10.34096/runa.v42i2.7608. Acesso em: 29 mar. 2026.

DAS, Veena. *Critical events: an anthropological perspective on contemporary India*. Delhi: Oxford University Press, 1995.

DOURADO, Simone Pereira da Costa; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Mudanças na percepção da velhice durante uma crise sanitária: da celebração da longevidade à ideia de doença.** *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, e0101, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/19847246242023e0101>. Acesso em: 29 mar. 2026.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

FEIJÓ, Janaína. **Mães solo no mercado de trabalho crescem 1,7 milhão em dez anos.** Fundação Getúlio Vargas. 18, maio, 2023. Disponível em: <https://portal.fgv.br/artigos/maes-solo-mercadotrabalho-crescem-17-milhao-dez-anos>. Acesso em: 29 mar. 2026.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 185–204, 2010. [Portal de Periódicos da UnB+1](#). Acesso em: 29 mar. 2026.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Ed. 8. Campinas: Papirus, 2008.

LIMA, Francisca Fabiana Fernandes, Alencar, Nadyelle Elias Santos e Gouveia, Marcia Teles de Oliveira (2020) **Impactos na saúde mental da população causados pela pandemia da COVID-19**. Enfermagem em saúde mental e COVID-19, Brasília: Editora ABEn, 5, 72-76. <https://doi.org/10.51234/aben.20.e04.c10>. Acesso em: 29 mar. 2026.

LIMA, Maria Emily Macedo; Duque, Andrezza Marques; Hiratuka-Soares e Erika. (2024). **Impactos da pandemia da covid-19 no contexto de vida infantil a partir da perspectiva dos pais**. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 8(1), Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/59114>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MANNHEIM, Karl. **O problema das gerações**. In: MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1952.

MATTEDI, M. Dilemas e perspectivas da abordagem sociológica dos desastres naturais. **Tempo Social**, v. 29, n. 3, 2017, p. 261–285.

MAURO, Renata Giovanoni D. **Procedimentos civis no Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2ª edição. Editora Saraiva, 2017. E-book. ISBN 9788547217068. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788547217068/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

MICELI, Sant'Ana Miceli. Por uma visão crítica do direito da criança e do adolescente. **Revista Estudos Jurídicos UNESP**, Franca, v. 14, n. 20, p. 01-348, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/255-Texto%20do%20artigo-930-1-10-20110201.pdf>> Acesso em: 29 mar. 2026.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, p. 225–250, Maio/Ago. 2010. Acesso em: 29 mar. 2026.

MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, 2010. [Portal de Periódicos da UnB+1](#) Acesso em: 29 mar. 2026.

MREJEN, M.; Nunes, L.; Giacomini, K. (2023) Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado?. Estudo Institucional n. 10. São Paulo: Instituto de Estudos para Políticas de Saúde.

NEGRÃO, Ana Maria Melo. Infância, educação e direitos sociais. Asilo de órfãos (1870-1960). Campinas: Centro de Memória – Unicamp, 2004. 343p. ISBN 85- 85562-23-4. Acesso em: 29 mar. 2026.

NERY, Maria Aparecida. A convivência familiar e comunitária é direito da criança e do adolescente e uma realidade a ser repensada pela escola. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 189-207, mai.-ago. 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/mmhBZMbJZ4XbKjfgkzSLVPJ/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em: 29 mar. 2026.

NETO, André Roberto de Lima. Crianças e adolescentes órfãos: um estudo sobre a influência da orfandade no processo de formação psicossocial e desenvolvimento da personalidade.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Ageing and health. Genebra: OMS, 2025. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>. Acesso em: 29 mar. 2026.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS). Pessoas com mais de 60 anos foram as mais atingidas pela COVID-19 nas Américas. 30 set. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/30-9-2020-pessoas-com-mais-60-anos-foram-mais-atingidas-pela-COVID-19-nas-americas>. Acesso em: 29 mar. 2026.

Revista Expressão Católica (Saúde), v. 1, n. 1, p. 57-65, jul./dez., 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/CRIANÇAS_E_ADOLESCENTES_ORFAOS_UM_ES_TUDO_SOBRE_A_I.pdf> Acesso em: 29 mar. 2026.

SÁ, Gabriel Francisco Cabrera. **A geração invisível, órfãos da COVID-19:** a visão dos profissionais no processo de acolhimento e inserção no novo contexto familiar. Dissertação (Mestre em Sociedade e Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, p. 131.

SANCHES, Mariana. Brasileiro perdeu quase 2 anos de expectativa de vida na pandemia, e 2021 deve ser pior, diz demógrafa de Harvard. **BBC News Brasil**, Washington, D.C, abril 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56743837>> Acesso em: 29 mar. 2026.

SANTOS, Boaventura de. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Almedina; 2020.

SCOTT, Parry. Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 251–284, 2010.

SEGATA, Jean et al. A Covid-19 e suas múltiplas pandemias. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 27, n. 59, p. 7-25, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832021000100001>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SEGATA, Jean. Covid-19, biossegurança e antropologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 26, n. 57, p. 275-313, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832020000100011>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S.; KIDDER, L. Cap. 7 “Noções básicas de mensuração”, in: **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Vol. 2 – Medidas na pesquisa social. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1987, pp. 1-14.

SZWARCWALD CL, Boccolini CS, da Silva de Almeida W, Soares Filho AM, Malta DC. COVID-19 mortality in Brazil, 2020-21: consequences of the pandemic inadequate management. Arch Public Health. 2022 Dec 19;80(1):255. doi: 10.1186/s13690-022-01012-z. PMID: 36536434; PMCID: PMC9762984. Acesso em: 26 mar. 2026.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, p. 205–224, 2010. [Portal de Periódicos da UnB+1](#). Acesso em: 29 mar. 2026.

World Health Organization (WHO). WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/deaths>. Acesso em: 29 mar. 2026.

Worldometer. Brazil COVID - Coronavirus Statistics. 2025. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/>. Acesso em: 29 mar. 2026.